

The geography hidden under the tongue A geografia que se esconde sob a língua

José Carlos Fernandes
05 March 2016
Observador

José Carlos Fernandes
05 Março 2016
Observador

Blue jeans are quintessentially American? And Portugal is the name associated with a sweet and juicy fruit? Etymology is full of geographical misconceptions and unexpected detours.

Os blue jeans são retintamente americanos? E Portugal é nome que se associe a fruta doce e sumarenta? A etimologia está cheia de equívocos geográficos e desvios inesperados.

Mosul is a name that will raise haunting associations to those who have followed the international news in recent years. It was the scene for some of the fiercest fighting that occurred during the American occupation of Iraq, its day-to-day life has been marked by killings, bombings, persecution of Assyrian Christians, incessant conflicts between Kurds and Sunni and a climate of insecurity and atrocity; to confound the disgrace, the Islamic State took control of the city in November 2014 and imposed its usual procession of beheadings, repression and prohibitions based on anachronistic interpretations of the Koran. However, the name of this ancient and populous city on the banks of the Tigris, for centuries, had much

Mossul é nome que suscitará associações tenebrosas a quem acompanhe a atualidade internacional nos anos mais recentes. Foi palco de alguns dos mais violentos combates ocorridos durante a ocupação americana do Iraque, o seu dia-a-dia tem sido marcado por execuções, atentados bombistas, perseguições aos cristãos assírios, conflitos incessantes entre curdos e sunitas e um clima de insegurança e atrocidades; para rematar a desgraça, o Estado Islâmico tomou conta da cidade em novembro de 2014 e impôs-lhe o seu habitual cortejo de decapitações, repressão e interditos baseados em interpretações anacrónicas do Corão. Todavia, o nome desta antiga

more pleasant resonances for Europeans, since it was associated with the diaphanous and soft cotton fabric – muslin.

e populosa cidade nas margens do Tigre teve, durante séculos, ressonâncias bem mais agradáveis para os europeus, uma vez que era associado a um diáfano e suave tecido de algodão – a musselina.

The link between muslin and Mosul was, nevertheless, a misunderstanding resulting from numerous traders buying the fabric in the Tigris city, unaware that its origin was much further to the East. The Romans already recognized muslin and knew where it came from: Maisolos (or Masula), the old name of the Indian port city of Machilipatnam, on the Bay of Bengal, where Roman gold coins have been found, funds used to pay for one of the fabrics most appreciated by the women of high Roman society. Although Marco Polo had visited Maisolos and has described the city's wealth in his reports, he helped to reinforce the misconception with Mosul, stating that muslin had its center of production in the Mesopotamian city.

O vínculo entre musselina e Mossul era, todavia, um equívoco resultante de muitos comerciantes comprarem o tecido na cidade do Tigre, desconhecendo que a sua proveniência ficava bem mais para Oriente. Os romanos já conheciam a musselina e sabiam de onde ela vinha: de Maisolos (ou Masula), o antigo nome da cidade portuária indiana de Machilipatnam, no Golfo de Bengala, onde se encontraram moedas de ouro romanas, usadas para pagar um dos tecidos mais apreciados pelas damas da alta sociedade romana. Embora Marco Polo tenha visitado Maisolos e tenha descrito as riquezas da cidade nos seus relatos, contribuiu para reforçar o equívoco com Mossul, ao afirmar que a musselina tinha na cidade da Mesopotâmia o seu centro de produção.

Despite being known for a long time, muslin only started to arrive in

Apesar de ser conhecida há muito, a musselina só começou a chegar em

substantial amounts to Europe in the eighteenth century (at a time when Maisolos was known by Masulipatam), entering the current fashion and even providing a scandal with historical repercussions. This erupted when, at the

Paris Salon, Louise-Elisabet Vigee Le Brun exhibited her portrait of Marie Antoinette dressed in a white muslin shirt, a garment known as a "gaulle" and that afterwards would also be known as a "chemise à la reine". Despite muslin being an exquisite fabric, public opinion did not consider it appropriate for a queen to be presented to the world in such casual attire, not much different from the underwear of a commoner. As if this were not outrageous enough, there were those who saw in the choice of muslin for the Queen an affront to French silk manufacturers and a support to British merchants who then flooded the French market with textiles originating in India. The double scandal – shamelessness and betrayal of national interests on the part of the crown – caused Le Brun to replace the portrait of the Queen displayed in the Salon with another in which she appeared in a formal dress.

quantidade maciça à Europa no século XVIII (numa altura em que Maisolos era conhecida por Masulipatam), entrando na moda corrente e propiciando mesmo um escândalo com repercussões históricas.

Este rebentou quando, no Salão de Paris, Louise-Élisabet Vigée Le Brun exibiu o seu retrato de Maria Antonieta vestida com uma camisa de musselina branca, uma peça de vestuário conhecida como gaulle e que ficaria depois conhecida também como chemise à la reine. Não obstante a musselina ser um tecido requintado, a opinião pública não considerou próprio que uma rainha se apresentasse aos olhos do mundo em trajes tão informais, não muito diferentes da roupa interior de uma plebeia. Como se isto não fosse suficientemente ultrajante, houve quem visse na escolha da musselina pela rainha uma afronta aos fabricantes franceses de seda e um apoio aos comerciantes ingleses que inundavam então o mercado francês com têxteis provenientes na Índia. O duplo escândalo – falta de pudor e traição aos interesses nacionais pela parte de uma cabeça coroada – levou Le Brun a

substituir o retrato da rainha em camisa exposto no Salão por outro em que a rainha surgia com um vestido formal.

It was not the muslin that made Marie Antoinette lose – literally – her head, but the “beshirted” portrait contributed to the erosion of her public image and the construction of a “black legend” that would be influential in the decision to execute her.

Não foi a musselina que fez Maria Antonieta perder – literalmente – a cabeça, mas o retrato “em camisa” contribuiu para erodir a sua imagem pública e construir a “lenda negra” que pesaria na decisão de a executar.

Made to measure from Damascus

Not very far from Mosul, the city of Damascus similarly found its name associated with an exquisite fabric of Southeast Asian origin: damask, a heavy silk fabric (or linen) with complex decorative patterns and contrasting shiny and matt zones, it points to a Vietnamese origin but the Syrian city was an important center of manufacturing and trade in the middle Ages, and so, Europeans associated the city with the fabric. From the fourteenth century, Venice and Genoa, who traded with Damascus, began to produce the fabric, but the name stuck to the Syrian city.

Corte à medida de Damasco

Não muito longe de Mossul, também a cidade de Damasco acabou por ter o nome associado a um tecido requintado de origem no Sudeste Asiático: o damasco, um pesado tecido de seda (ou linho) com complexos padrões decorativos e um contraste entre zonas brilhantes e mate, a que se aponta origem vietnamita mas que teve na cidade síria um importante centro de fabrico e comércio durante a Idade Média, pelo que os europeus associaram a cidade ao tecido. A partir do século XIV, Veneza e Génova, que eram quem comerciava com Damasco, passaram elas a produzir o tecido, mas o nome

ficou preso à cidade síria.

<p>India was the leading textile power for centuries, until the technological developments of the Industrial Revolution allowed Great Britain to take over, so it is not surprising that another fabric, calico, received its name from an Indian city – Calicut (Kozhikode for the Indians); a city whose name will be familiar to many Portuguese, since it was here that Vasco da Gama landed in 1498 (followed by Pedro Álvares Cabral in 1500) and attempted to establish the first commercial relations with India. Calicut was then the main port of the Malabar coast and the principal entrepot in the spice trade – this was why Vasco da Gama went there – and it was also the center of manufacturing of a cotton fabric that would begin to be exported to Europe from the seventeenth century and would be known worldwide by the name of its city of origin.</p>	<p>A Índia foi a potência têxtil n.º1 durante séculos, até os desenvolvimentos tecnológicos da Revolução Industrial terem permitido à Grã-Bretanha arrebatá-lo o lugar, pelo que não é surpreendente que outro tecido – o calicô – tenha recebido o seu nome de uma cidade indiana – Calecute (Calicut para os ingleses, Kozhikode para os indianos), uma cidade cujo nome será familiar a muitos portugueses, já que foi nela que Vasco da Gama aportou em 1498 (seguido por Pedro Álvares Cabral em 1500) e tentou estabelecer as primeiras relações comerciais com a Índia. Calecute era então o principal porto da costa do Malabar e o principal entreposto no comércio de especiarias – foi por isso que Vasco da Gama a ela se dirigiu – e era também o centro de fabrico de um tecido de algodão que começaria a ser exportado para a Europa a partir do século XVII e que passaria ser conhecido mundialmente pelo nome da cidade de origem.</p>
---	---

<p>Cashmere, a light, silky and expensive fabric produced from the wool of</p>	<p>A caxemira, o leve, sedoso e dispendioso tecido de lã de cabras de Caxemira,</p>
--	---

cashmere goats, is also associated with the Indian sub-continent, more precisely the homonymous region disputed for decades between India and Pakistan. Today cashmere goats are reared in various locations – China is the world's largest producer, followed by Mongolia, Afghanistan, Iran and Turkey – but the ultra-fine wool of Kashmir goats continues to be the most valued (although it represents no more than 0.1% of world production). The reason for the high price of cashmere results much from the low abundance of this variety of goat as the fact that only the fine wool of the inner layer is used (these goats grow two layers of fleece, a necessary adaptation to the harsh climate in which they live). The thermal insulation it provides is three times that of ordinary sheep's wool.

também está associado ao sub-continente indiano, mais precisamente à região homónima disputada há décadas entre Índia e Paquistão. Hoje criam-se cabras de Caxemira em vários locais – a China é o maior produtor mundial, seguida pela Mongólia, Afeganistão, Irão e Turquia – mas a lã ultra-fina das cabras da região de Caxemira continua a ser a mais prezada (ainda que não represente mais de 0.1% da produção mundial). A razão para o preço da caxemira resulta não só da pouca abundância desta variedade de cabra como de apenas se aproveitar a lã fina da camada interior (estas cabras são providas de duas camadas de pelo, uma adaptação adequada ao clima rigoroso em que vivem). O isolamento térmico que proporciona é o triplo da lã vulgar.

Although the angora goats originate, like the cashmere goats in the mountains of Central Asia, it was in Turkey that its rearing developed, especially in the Ankara region (known for a long time under its "Europeanized" form, Angora). The designation "angora" also covers breeds of rabbits and cats with very fine

Embora as cabras angorá tenham origem, como as cabras de Caxemira, nas montanhas da Ásia Central, foi na Turquia que a sua criação se desenvolveu, sobretudo na região de Ankara, (conhecida durante muito tempo sob a sua forma "europeizada", Angora). A designação "angorá" abrange também

and long hair, which also come originally from the Ankara area. Today, angora designates the fabric made from rabbits, while the fabric made with the wool of the angora goat is called mohair. Some suggest that the place name Ankara comes from the Greek ankura (anchor), but it is unclear why it would be so christened when the city is far from the sea and located in the most arid region of Turkey. On the other hand, at that location the Hittites had founded, in the second millennium BC, a town called Ankuwash, which seems to provide a more plausible source for the place name.

as raças de coelhos e gatos com pelo muito fino e comprido, que também provirão originalmente da região de Ankara. Hoje, angorá designa o tecido feito a partir dos coelhos angorá, enquanto o tecido feito com a lã das cabras angorá é designado por mohair. Há quem sugira que o topónimo Ankara provém do grego ankura (âncora), mas não se percebe porque seria assim baptizada uma cidade que fica tão longe do mar e está implantada na região mais árida da Turquia. Por outro lado, naquele local já os hititas tinham fundado, no II milénio aC, uma cidade chamada Ankuwash, o que parece proporcionar uma origem mais plausível para o topónimo.

Jeans, Gucci and dollars

Apparently, blue jeans and denim are concepts as quintessentially American as cowboys or westerns, but it is not quite so. The sturdy cotton fabric, typically dyed blue, which we know in Portuguese as "ganga", originates in the Italian city of Genoa and was used not only to make work clothes, but also sails and tents.

Ganga, Gucci e dólares

Aparentemente, blue jeans e denim são conceitos tão retintamente americanos como cowboy ou western, mas não é bem assim. O resistente tecido de algodão, caracteristicamente tingido de azul, que conhecemos em português como ganga tem origem na cidade italiana de Génova e servia para fazer roupas de trabalho mas também velas e

The French named this fabric "bleu de Gênes" (Genoa blue) and tried to imitate it in the weavings from Nîmes; in the seventeenth century they had managed something close, which was given the name, "serge de Nîmes". This serge continued for some time to be dyed in Genoa, always in indigo blue, a dye made from tropical plants of the genus Indigo – especially "Indigofera tinctoria" – whose main source was India (hence its name).

Today, Gucci sells jeans for over three thousand dollars a pair and Escada prices start at \$10,000 (the Dussault Apparel Thrashed Denim costs \$250,000, but most of the value is in precious stones), but originally the fabric was intended for the humblest ranks of society. This gives testament in the paintings of an active master at Genoa in the seventeenth century, who is known as the "Master of the Blue Jeans" and whose 10 known paintings represent all but one of its humble subjects dressed in denim. The paintings have the characteristics, unusual for the time, of conferring dignity to the poor

tendas. Os franceses denominaram este tecido azul de bleu de Gênes (azul de Génova) e tentaram imitá-lo nas tecelagens de Nîmes; no século XVII conseguiram algo aproximado, a que deram o nome de serge de Nîmes (sarja de Nîmes). Esta sarja continuou, durante algum tempo a ser tingida em Génova, sempre de azul índigo, um corante proveniente das plantas tropicais do género Indigo – sobretudo a Indigo tinctoria –, cuja principal fonte era a Índia (daí o seu nome).

Hoje, a Gucci vende jeans a 3100 dólares o par e os preços da Escada começam nos 10.000 dólares (os Dussault Apparel Thrashed Denim custam 250.000 dólares, mas a maior parte do valor está nas pedrarias), mas na sua origem o tecido destinava-se aos escalões mais humildes da sociedade. Disso dão testemunho as pinturas de um mestre activo em Génova no século XVII, que é conhecido como "Mestre dos Blue Jeans" e cujos 10 quadros conhecidos representam todos (menos sum) gente humilde vestida de ganga. As pinturas têm as particularidades, insólitas para a época, de conferir

and treating their clothes with meticulous realism – of course in this time there was no pre-washed, pre-ripped or pre-thrashed denims, the visible wear and tear results, of course, from the poor having to use garments until they disintegrated.

The rest of the story, involving two immigrants of Jewish descent, the German merchant Levi Strauss (Löb Strauss) and Latvian tailor Jacob Davis (Jacob Youphes), and the company that they assembled in San Francisco to provide resistant work clothes to miners who had flocked to California during the gold rush, is already well known. Denim for the clothes manufactured by Strauss and Davis did not come from Nîmes or Genoa, but from a US supplier, but bleu de Gênes, now with American pronunciation and designating no longer the fabric but the type of pants made with the fabric, prevailed and conquered the world – and now everyone calls them blue jeans, even if they are red.

dignidade aos pobres e de tratar as suas vestes com minucioso realismo – claro que nesta época não havia gangas pré-lavadas nem pré-rasgadas nem pré-thrashed, o desgaste que se vê resulta, obviamente, de os pobres terem de usar a roupa até ela se desintegrar.

O resto da história, envolvendo dois imigrantes de ascendência judaica, o comerciante alemão Levi Strauss (Löb Strauss) e o alfaiate letão Jacob Davis (Jacob Youphes), e a empresa que montaram em São Francisco para fornecer roupa de trabalho resistente aos mineiros que tinham acorrido à Califórnia em busca de ouro, já é de todos conhecida. A ganga para as roupas fabricadas por Strauss e Davis não proveio de Nîmes nem de Génova, mas de um fornecedor americano, mas bleu de Gênes, agora com pronúncia americana e designando já não o tecido mas o tipo de calças fabricadas com o tecido, prevaleceu e conquistou o mundo – e toda a gente lhes chama blue jeans, mesmo que sejam vermelhos.

Cities of fruit

The city of Damascus, recording 8000 years of human occupation and standing at a crossroads between Europe and Asia, is deeply embedded in the fabric of history and does not merely lend its name to a cloth: it also endures in "Damascus Steel", the "damask rose" and the fruit the Portuguese know as "damasco" (apricot). As the Latin name indicates, the apricot tree (armeniaca Prunus) may have originated hundreds of kilometers further north, in Armenia, or at least have been widely grown there, there are even botanists who claim that the plant has its source in China.

The association of the fruit to the Syrian city only occurs in Portuguese and Spanish, as in other European languages its etymology is different: apricot (in English), abricot (French) or albicocca (Italian), originating from the Portuguese albricoque or from the Spanish albaricoque, which result from the Arabic al barkuk, which in turn originates from the Byzantine Greek praikókion, from the Latin praecoquus,

Cidades de fruto

A cidade de Damasco, registando 8000 anos de ocupação humana e situando-se numa encruzilhada entre a Europa e a Ásia, está profundamente imbricada na trama da história e não se limitou a emprestar o seu nome a um tecido: também perdura no "aço de Damasco", na "rosa damascena" e no fruto que conhecemos como damasco. Como o nome latino indica, o damasqueiro (Prunus armeniaca) terá tido origem umas centenas de quilómetros a norte, na Arménia, ou, pelo menos, terá sido aí amplamente cultivado, já que há botânicos que pretendem que a planta será originária da China.

A associação do fruto à cidade síria só ocorre em português e espanhol, já que nas outras línguas europeias é outra a sua etimologia: apricot (em inglês), abricot (francês) ou albicocca (italiano), provêm do português albricoque ou do espanhol albaricoque, que resultam do árabe al barkuk, que por sua vez tem origem no grego bizantino praikókion, a partir do latim praecoquus, que significa "precoce" – um qualificativo que se

meaning “precocious” – a qualification that applies possibly to the fruit’s time of ripening.

aplica, possivelmente, à época de amadurecimento do fruto.

In Portuguese, the damasco/albricoque is also known as alperce (and in Spanish by albérchigo), the word results from a confusion with its peach cousin (Prunus persica), whose name, in many European languages (peach in English, pêche in French, pesco in Italian) comes from the Latin persicu, as the Romans, who introduced it to Europe from Persia, thought it was a native of the latter, so they called it malum persicum (Persian apple). Again, archaeological and genetic data suggest that the origin lies further to the East, in China.

Em português, o damasco/albricoque é também designado por alperce (e em espanhol por albérchigo), palavra que resulta de uma confusão com o seu primo pêsego (Prunus persica), cujo nome, em muitas línguas europeias (peach em inglês, pêche em francês, pesco em italiano), provém do latim persicu, pois os romanos, que o introduziram na Europa a partir da Pérsia, julgavam que ele era originário desta última, pelo que lhe chamavam malum persicum (maçã persa). Mais uma vez, dados arqueológicos e genéticos sugerem que a origem fica mais a oriente, na China.

Some authors see the origin of the Portuguese name romã (pomegranate, the fruit of Punicum granatum) in Rome, where the fruit would have been known as the mala romana (Roman apple). However, it is a baseless etymology, since the Romans never gave it this name, designating it first as mala punica (Carthaginian apple), even in Roman

Alguns autores vêm a origem do nome romã (o fruto da Punicum granatum) em Roma, onde o fruto seria conhecido por mala romana (maçã romana). Porém, é uma etimologia sem fundamento, já que os romanos nunca lhe atribuíram este nome, designando-a antes por mala punica (maçã cartaginesa), ainda que no tempo dos romanos a romã, originária

times the pomegranate, originally from Iran, was widely disseminated in the Mediterranean basin and was not confined to the territory dominated by Carthage.

In English it is called the pomegranate, which comes from the Old French *pomme-grenade* and has affinities with the German *granatapfel*, the Spanish *granada*, and the Italian *granato*. Some etymologists interpret these names to mean Granada apple, for in the Middle Ages, this city was renowned for the quality and abundance of its pomegranates (justifying the fruit part of the city's coat of arms). But it is likely that neither the *pomme-grenade* owes its name to Granada nor Granada its name to the *pomme-grenade* – the name of the fruit in most European languages comes from the Latin *pomo granatus*, meaning “fruit with [many] seeds” and the city name from the Arabic *Karnatha* (hill of the foreigners).

Anyway, the Portuguese name *romã* is a special case in the European languages and the most plausible theory sees it

do Irão, estivesse amplamente disseminada pela bacia mediterrânica e não se confinasse ao território dominado por Cartago.

Em inglês a romã designa-se por *pomegranate*, que provém do francês arcaico *pomme-grenade* e tem afinidades com o alemão *granatapfel*, o espanhol *granada*, ou o italiano *granato*. Alguns etimologistas interpretam estes nomes como significando “maçã de Granada”, por, na Idade Média, tal cidade ser afamada pela qualidade e abundância das suas romãs (o que justifica que o fruto faça parte do brasão da cidade). Mas é provável que nem a *pomme-grenade* deva o nome a Granada nem Granada deva o nome à *pomme-grenade* – o nome do fruto na grande maioria das línguas europeias virá do latim *pomo granatus*, ou seja “fruto com [muitas] sementes”, e o nome da cidade virá do árabe *karnatha* (monte dos estrangeiros).

De qualquer modo, a designação portuguesa “romã” é um caso à parte nas línguas europeias e a teoria mais

derive not from Rome but from the Arabic name of the fruit: rumman. It is undisputed that the Portuguese word tangerina (the fruit of the Citrus tangerina) like its equivalent in most European languages, has etymological origin in Tangier, a city which abounds with orchards of this fruit, although its source is China.

plausível fá-la derivar não de Roma mas do nome árabe do fruto: rumman. Já é pacífico que a palavra portuguesa tangerina (o fruto da Citrus tangerina), tal como a sua equivalente na maioria das línguas europeias, tem origem etimológica em Tânger, cidade em torno da qual abundavam os pomares deste fruto, ainda que a sua proveniência última seja a China.

The orange (*Citrus sinensis*) also comes from China or Southeast Asia, as with other citrus fruits, but the accidents of history have meant that, in many countries, the fruit has its name associated with Portugal. To understand the different etymologies of the orange it is necessary to take into account the distinction between the bitter orange (which is now cultivated only for the production of sweets and extraction of essential oils or as ornamental tree) and sweet orange. Although they originated from the same area, they have different dissemination stories: the first would have been vaguely known to the Romans, but only took root in southern Europe by the hands of the Arabs and Crusaders in the Middle Ages. It is

A laranja (*Citrus sinensis*) também provém da China ou do Sudeste Asiático, como acontece com os restantes citrinos, mas os acasos da história levaram a que, em vários países, o fruto tenha o seu nome associado a Portugal. Para perceber as diferentes etimologias da laranja consoante os países é necessário levar em conta a distinção entre a laranja amarga (que é hoje cultivada apenas para fabrico de doces e extração de óleos essenciais ou como árvore ornamental) e a laranja doce. Apesar de provirem, originalmente, da mesma região, têm diferentes histórias de difusão: a primeira já seria vagamente conhecida dos romanos, mas só ganhou implantação no Sul da Europa pela mão dos árabes e dos cruzados, na

therefore necessary to realize that the famous orange groves recurrently evoked when speaking of Andalusia and the Moorish Algarve were bitter.

The sweet orange was brought from Southeast Asia especially by the Portuguese from the sixteenth century and its Chinese origin is reflected in the name the fruit received in some European regions: sinaasappel in Dutch, appelsin in Danish and Norwegian, apelsin in Swedish, appelsiini in Finnish, apelsinipuu in Estonian, apelsinas in Lithuanian, apelsins in Latvian, in Russian and Ukrainian apelsin, and apluzina in Silesian. The Portuguese intervention is reflected in the name in various Italian dialects (partugal in Emilian-romagnol, partuàllu in Sicilian, purtuallo in Neapolitan, përtugal in Piedmontese), in Romanian (portocala), Bulgarian (portokál), Ladino (portokal), Albanian (portokalli), Greek (portokali), Turkish (portakal), Farsi (porthegal) and in Azeri (portagal). It seems, some of the people of the Mediterranean basin and the Middle East who already knew the bitter orange christened the sweet

Idade Média. É pois preciso ter em conta que os famosos laranjais recorrentemente evocados quando se fala da Andalusia e do Algarve mouriscos eram amargos.

A laranja doce foi trazida do Sudeste Asiático sobretudo pelos portugueses, a partir do século XVI e a sua origem chinesa está patente no nome que o fruto recebeu nalgumas regiões europeias: sinaasappel em holandês, appelsin em dinamarquês e norueguês, apelsin em sueco, appelsiini em finlandês, apelsinipuu em estónio, apelsinas em lituano, apelsins em letão, apelsin em russo e ucraniano, apluzina em silesiano. A intermediação portuguesa está patente no nome do fruto em vários dialectos italianos (partugal em emiliano-romagnol, partuàllu em siciliano, purtuallo em napolitano, përtugal em piemontês), romeno (portocala), búlgaro (portokál), ladino (portokal), albanês (portokalli), grego (portokali), turco (portakal), farsi (porthegal) e azeri (portagal). Ou seja, alguns dos povos da bacia mediterrânica e do Médio Oriente que já conheciam a laranja amarga baptizaram a laranja

orange with the name of the people who brought it from the Orient, while in Northern and Eastern Europe it tended to be associated with the country of origin. Still others, like the Portuguese, the English, French and Germans (orange), Spanish (naranja) and the Italians (arancio) kept the name already designated to the bitter orange that originates from the Sanskrit (naranga), via Persian (narang) and Arabic (naranj).

Young Turks

As diverse as the etymology of the orange is that of the bird that in Portuguese is "peru" (Meleagris gallopavo). The species existed (and exists) in the wild in the forests of North America, but when it was brought to Europe, it received in Portugal the name of an American region much further south – but it should be noted that Peru did not denote only the region corresponding to the country that now has this name but could designate, by metonymy, all America under Spanish rule.

do Oriente, enquanto na Europa do Norte e Leste tenderam a associá-la ao país de origem. Outros ainda, como os portugueses, os ingleses franceses e alemães (orange), os espanhóis (naranja) ou os italianos (arancio) mantiveram o nome que já designava a laranja amarga e que tem origem no sânscrito (naranga), via persa (narang) e árabe (naranj).

Jovens turcos

Tão diversa como a etimologia da laranja é a da ave que em português designamos por peru (Meleagris gallopavo). A espécie existia (e existe) em estado selvagem nas florestas da América do Norte, mas quando foi trazida para a Europa, recebeu em Portugal o nome de uma região americana bem mais a sul – mas é preciso notar que Peru não designava apenas a região correspondente ao país que hoje tem este nome mas podia designar, por metonímia, toda a América sob domínio espanhol.

Given that the bird came from the West Indies, the Spanish settlers began to call it "gallina de India", although now the common name in Spanish is "pavo" (the Latin name), or guajolote (from huexolotl, the name of the bird in Nahuatl, the dominant language of the pre-Columbian Mexico). The French adapted the first Spanish name and called it "poule d'Inde", which would eventually turn into "dinde" (dindon for the male).

Uma vez que a ave provinha das Índias Ocidentais, os colonos espanhóis começaram por chamar-lhe gallina de India, embora a designação hoje corrente em espanhol seja pavo (do nome latino), ou guajolote (de huexolotl, o nome da ave em nahuatl, a língua dominante do México pré-colombiano). Os franceses adaptaram o primeiro nome espanhol e chamaram-lhe poule d'Inde, que acabaria por converter-se em dinde (dindon se for macho).

Since the British missed the target completely: as the bird came to them through the Middle East, where it had been introduced just before, they called it the turkey bird, shortened to turkey, since the entire Middle East was then under Turkish control.

Já os ingleses falharam completamente o alvo: como a ave lhes chegou através do Médio Oriente, onde fora introduzida pouco antes, chamaram-lhe turkey bird (ave da Turquia), entretanto encurtado para turkey, já que todo o Médio Oriente estava então sob domínio turco.

In the US, the turkey has become indispensable to Thanksgiving and Christmas dinners, a tradition that would eventually spread to the rest of the Western world. Some argue that the turkey should be the US national symbol instead of the bald eagle (*Haliaeetus leucocephalus*), and rumors circulated that Benjamin Franklin had proposed

Nos EUA, o peru tornou-se indispensável para as refeições do Dia de Acção de Graças e de Natal, uma tradição que acabaria por contaminar o resto do mundo ocidental. Há quem defenda que o peru deveria ser o símbolo nacional dos EUA, em vez da águia-careca (*Haliaeetus leucocephalus*), e circulam rumores de que Benjamin Franklin teria

<p>that the turkey appear on the Great Seal proposed to be the turkey of the United States. Apparently, Franklin vehemently opposed the choice of the bald eagle as a national symbol, rebuking it as "a bird of bad moral character [...] who does not live honestly," since it would sustain itself by stealing fish caught by diligent but smaller birds. "Moreover it is extremely cowardly [...]. In comparison, the turkey is a much more respectable bird and a genuine native of America [...]. Furthermore, even if it is a little pompous and foolish, it is a fearless bird."</p>	<p>Grande Selo dos EUA. É certo que Franklin se opôs veementemente à escolha da águia-careca como símbolo nacional, vituperando-a como "uma ave de mau carácter moral [...] que não vive de forma honesta", uma vez que tiraria o seu sustento de roubar os peixes pescados por aves de rapina mais diligentes mas de menor porte. "Além do mais é sumamente covarde [...]. Em comparação, o peru é uma ave muito mais respeitável e um genuíno nativo da América [...] Além do mais, ainda que um pouco pomposo e tolo, é uma ave destemida".</p>
--	--

<p>Despite these considerations of ornithological morality, the alternative design proposal for the Great Seal presented by Franklin did not include a turkey before a confused scene with Moses and the Israelites completing the crossing of the Red Sea while Pharaoh's army is swallowed by the waves.</p>	<p>Apesar destas considerações sobre moralidade ornitológica, a proposta alternativa de design para o Grande Selo apresentada por Franklin não incluía nenhum peru, antes uma confusa cena com Moisés e os israelitas concluindo a travessia do Mar Vermelho enquanto o exército do faraó é engolido pelas vagas.</p>
--	---

<p>The turkey may not seem, to today's eyes, a good candidate as a symbol of a country that celebrates Thanksgiving</p>	<p>O peru pode não parecer, aos olhos de hoje, um bom candidato a símbolo de um país que celebra o Dia de Acção de</p>
---	--

day and Christmas by gorging itself on it Graças e o Natal empanturrando-se com
– but after all, Portugal has the official ele – mas, afinal de contas, Portugal tem
symbol of a bird with no more dignity: por símbolo oficioso uma ave que não
the cock of Barcelos. tem mais dignidade: o galo de Barcelos.